

REVISITANDO MEMÓRIAS: PERCURSOS DE VIDA-FORMAÇÃO

MÉMOIRES RÉVISITIVES: SENTIERS DE FORMATION-VIE

Maria Betânia e Silva / UFPE

RESUMO

Esse trabalho visa investigar elementos das trajetórias biográficas de mulheres que se tornaram professoras de Artes Visuais e, assim, compreender experiências vivenciadas que contribuíram para suas escolhas profissionais e sua atuação. O foco de investigação está centrado na etapa de vida da adolescência de oito professoras ressaltando as aulas de arte e, possíveis, marcas de encontros com a arte. Além de identificar os espaços culturais frequentados, os lugares de maior interesse e as atividades de ócio preferidas por elas. O estudo está inserido na perspectiva metodológica das histórias de vida e, dentro deste vasto campo, mais especificamente, nas (auto)biografias que contemplam as narrativas de investigação profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias; Trajetórias biográficas; Percursos de formação.

RÉSUMÉ

Ce travail vise à étudier les éléments des trajectoires biographiques des femmes devenues maîtresses des arts visuels et à comprendre ainsi les expériences qui ont contribué à leurs choix professionnels et à leur performance. L'objectif de la recherche est centré sur la scène de la vie de l'adolescence de huit enseignants mettant en évidence des cours d'art et, éventuellement, des marques de rencontres avec l'art. En plus d'identifier les espaces culturels fréquentés, les lieux de plus grand intérêt et les activités de loisirs préférés par eux. L'étude s'insère dans la perspective méthodologique des histoires de vie et, dans ce vaste domaine, plus précisément dans les (auto) biographies qui contemplent les récits de la recherche professionnelle.

MOTS-CLÉS: Souvenirs; Trajectoires biographiques; Cours de formation.

Há um rio que atravessa a casa. Esse rio, dizem, é o tempo. E as lembranças são peixes nadando ao invés da corrente. Acredito, sim, por educação. Mas, não creio. Minhas lembranças são aves. A haver inundação é de céu, repleção de nuvem. Vos guio por essa nuvem, minha lembrança (COUTO, 2009, p.25).

O tempo elemento impalpável. Não é possível tocá-lo, vê-lo, senti-lo. Os sentidos não são capazes de retê-lo. Item invisível. Elias (1998) nos diz que ele remete ao relacionamento de posições ou segmentos a duas ou mais sequências de acontecimentos em evolução contínua e tornou-se a representação simbólica de uma vasta rede de relações que reúnem diversas sequências de caráter individual, social ou puramente físico.

O tempo e a memória são elementos inseparáveis. Ambos impalpáveis. Ambos invisíveis. Ambos em contínua relação. Ambos componentes que nos ajudam a (re)construir trajetórias, percursos, histórias vividas e em processo de formação.

Nosso foco, nesse trabalho, é investigar elementos das trajetórias biográficas de mulheres que se tornaram professoras de artes visuais e, assim, compreender possíveis experiências vivenciadas em seus percursos individuais que contribuíram para suas escolhas profissionais e sua atuação na docência em Artes Visuais.

Diante deste objetivo refletimos com Candau (2012) que o papel da memória é fundante no entendimento do indivíduo em captar e compreender continuamente o mundo, manifestando suas intenções a esse respeito, estruturando-o e colocando-o em ordem, tanto no tempo como no espaço, para conferir-lhe sentido. A memória, então, funciona apoiando-se sobre a imaginação à medida que as lembranças podem ser adotadas de um sentido e vinculadas ao presente, por isso, a memória humana é representativa.

O estudo está inserido na perspectiva metodológica das histórias de vida e, dentro deste vasto campo, mais especificamente, nas (auto)biografias que contemplam as “narrativas de investigação profissional como dispositivo de pesquisa-formação” (DELORY-MOMBERGER, 2015, p.161). Oito mulheres participam da investigação e três séries de questionários¹, formados por questões abertas, foram aplicados individualmente contendo cerca de sessenta questões. Essas, por sua vez, foram organizadas em uma disposição cronológica partindo da infância para a vida adulta.

Dados iniciais deste trabalho foram apresentados no 26º Encontro da ANPAP em 2017². Ali, analisamos quatro dos questionários respondidos sobre a primeira etapa de vida, a infância.

Nesse trabalho, partimos para outra etapa de vida dessas mulheres, a adolescência e os contatos com a arte na escola e fora dela. Assim, o texto está organizado em duas partes. A primeira delas foca o olhar nas aulas de arte na adolescência e as marcas de encontros com a arte, identificadas pelas professoras. Na segunda parte apresentamos os espaços culturais frequentados, os lugares de maior interesse apontados por elas e suas principais atividades de ócio.

As oito mulheres são oriundas das regiões brasileiras do nordeste, sudeste e sul. Possuem entre 35 e 70 anos. Seus pais atuaram profissionalmente em diferentes áreas como empresário, médico, operário de fábrica têxtil, auxiliar de enfermagem, comerciante, professor, funcionário público. Suas mães atuaram como donas de casa, operária de fábrica têxtil, auxiliar de enfermagem, secretária, professora, funcionária pública.

Duas professoras, as mais velhas, são oriundas de classe social alta e seis delas da classe média. Essas, por sua vez, diferentemente das outras, vivenciaram a inserção de suas mães no mercado de trabalho que fizeram parte da estatística de redução da natalidade tendo entre um e três filhos (SILVA, 2017).

Ao investigar trajetórias biográficas de professoras é importante observar o que nos diz Peña (2015, p.11):

Las narrativas sobre la infancia y sobre la vida familiar permiten dar cuenta de acontecimientos formativos – intencionados y no intencionados – que han marcado los trayectos biográficos de los individuos, sus aprendizajes personales y sus expectativas de realización y constitución de sí en una época cada vez más marcada por la pluralidade de formas de vida y por los procesos de individualización.

Assim, entender o contexto em que os sujeitos foram e ou estão inseridos contribui para identificar o fio condutor das narrativas históricas, das experiências vivenciadas, dos usos e acessos aos bens culturais, das relações tecidas ao longo da vida, das escolhas e decisões profissionais etc. Pois,

frente a la exposición de puntos de referencia, como también al deambular de recorridos abandonados a la aventura individual, toda búsqueda de sentido de vida requiere el ejercicio previo de un trabajo biográfico. Las historias que contamos de nuestras vidas se escriben bajo las condiciones socio-históricas de la época y cultura (PEÑA, 2015, p.12).

Nesse sentido, qualquer que seja o relato, de quem o conta ou de quem o vivenciou, será sempre uma versão parcial da história. E a história existe porque a narramos, construímos relatos que envolvem personagens, acontecimentos, espaços, lugares, experiências, tempos. Ao narrar colocamos em jogo o passado, o presente e o futuro. Como nos diz Domingo (2015, p.41)

contar el vivir, lo que se vive, requiere una historia. Damos sentido al flujo de experiencias que vivimos, de un modo narrativo: expressando el movimiento entre el fluir de la vida y los intentos de captarla y hacerla inteligible.

Ao mergulhar nos processos formativos e educativos vivenciados pelas professoras, foco de nosso estudo, identificamos que a Educação Básica delas se deu, em sua maioria, na rede privada de ensino. Apenas duas estudaram em escolas públicas. No entanto, todas elas, cursaram sua Graduação e cursos de Pós-Graduação em instituições públicas federais de Ensino Superior.

Bernardes (2015, p.246) nos lembra que a formação envolve diferentes tempos e não se resume à graduação, mas inclui o “tempo da sua trajetória-vida; de experimentação e vivência no campo da arte e da cultura; da experiência estética; da memória; da infância; da vida vivida”.

Aulas de arte na adolescência e marcas de encontros com a arte

Durante a infância os primeiros contatos com a arte para essas professoras foram mediados, sobretudo, pela família e pela igreja. Pela família por meio de objetos pertencentes em suas casas ou por proporcionar os acessos aos lugares e espaços onde se veiculava arte. A maioria delas tinha a mãe, o pai ou irmão e parentes próximos envolvidos com música, pintura, trabalhos manuais etc. Além disso, todas elas frequentaram espaços diversos entre museus, teatros, cinema, danças clássicas e populares, feiras populares, espaços de artesanato, escolinhas de arte. Os contatos com arte promovidos pela igreja se deram através da realização de

eventos culturais, cursos e projetos sociais organizados junto à comunidade em que estavam inseridas (SILVA, 2017).

Um dos questionamentos que fizemos às professoras intencionou captar o papel da escola na oferta do ensino de arte no período da adolescência. Então, elas tiveram aulas de arte? Como essas aulas aconteciam?

Uma delas, Sobrevivência³, afirmou ter se matriculado em um curso de extensão na universidade pública de sua cidade natal, ainda enquanto adolescente. Ela relata⁴ que as aulas “*eram interessantes com professores como João Câmara e Roberto Lúcio*”.

Habilidade Interpessoal, outra professora de nosso estudo, relatou que tinha aulas de

Artes Plásticas, no caso desenho e pintura com lápis de cor. Algumas eram dedicadas a bordados. Talvez, por ser uma escola de religiosas voltada apenas para a mulher. Havia ainda a disciplina de música. Nesta, eram ensinadas as notas e princípios de solfejo.

Duas das professoras não tiveram aulas de arte durante sua adolescência, Perseverança e Positividade. Para Pró-ativa as aulas de arte se centravam em desenhos de observação e geometria. Ela, ao revisitar suas memórias, relata: “*a professora – lembro até hoje de sua voz – colocava um objeto no centro e nós deveríamos desenhá-lo com atenção a todos os detalhes. Luz, sombra, perspectiva, pontos e linha são os conteúdos que recordo*”.

Para Feliz as aulas eram para fazer trabalhos artesanais como gatos de lã, bordados, tapeçaria, bolsas de couro. Outra professora, Estudiosa, destacou que sua escola utilizava os métodos da Escolinha de Arte do Brasil e que havia aulas de campo e bastante material. Por fim, Liberdade, registrou detalhadamente experiências com a arte na escola narrando que

Na 5ª e 6ª séries, lembro de atividades como pintar com giz de cera, cobrir com nanquim e raspar desenho, xilogravura. Os trabalhos eram livres, com ensino desses tipos de técnicas, creio que nos moldes da Escolinha de Arte, pelo que lembro. Desconheço a formação dos professores. Isso foi nos anos 1978 e 1979. Na 7ª e 8ª

séries as deliciosas aulas de Arte foram substituídas por Desenho Geométrico. Não lembro o nome da professora, lembro que era rígida e que eu tinha que refazer os exercícios de achar baricentro etc., com régua, compasso e esquadro num caderno espiral de desenho, A4 formato paisagem, que a professora corrigia. Eu detestava, devo ter tido recalque quando fui, posteriormente, estudar Arquitetura e abandonei.

As narrativas das professoras evidenciam concepções, conteúdos, métodos e práticas de ensino que foram utilizadas em seus anos escolares na adolescência e estão conectadas a estudos sobre o período histórico como identificados, por exemplo, nas pesquisas de Silva (2004, 2010) e Silva; Santos; Azevedo (2013).

Candau (2012) nos ajuda a refletir sobre o papel da memória revisitada pelas professoras ao afirmar que a memória é um elemento essencial daquilo que passamos a chamar de identidade individual ou coletiva. O autor ainda chama a atenção para o entendimento de que “somos sempre condenados ao tempo, pois a memória nos dará a ilusão de que o que passo não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança” (p.15).

Nessa direção, Bosi (2003, p.53) também nos alerta na reflexão sobre o papel da memória reforçando que ela “é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”.

Assim, para além das vivências com a arte na escola, as professoras de nosso estudo, revisitaram fatos diversos que foram marcantes para elas em relação à arte naquele período de suas adolescências.

A professora Liberdade narra sobre a lembrança do “*surgimento dos grafites na cidade, na década de 80, da rainha do frango assado de Alex Vallauri e da atividade de grafite em stencil feita com a turma da minha irmã, eu morri de inveja*”.

A professora Feliz, por sua vez, explicita

Os livros de Ana Clara Machado e o balé. Eu dançava em uma academia e fiz diversas apresentações em programas de tv, teatros, clubes Internacional e Português. Com 14 anos comecei a dar aulas de recreação em uma escola da Irmandade das Almas (na Rua Marquês do Paraná, hoje é uma escola do município do Recife) e eu fazia muitas encenações com as crianças e adolescentes da escola. Encenei quase todos os livros de Ana Clara Machado. Fazia os autos

de Natal, pastoril, bumba-meu-boi, teatro de bonecos, até capoeira eu dei, mas aí os meninos me ensinavam ou, na verdade, tinham um tempo livre para praticar capoeira quando estavam comigo. As aulas aconteciam dentro da capela, junto à escola.

Nestas lembranças ativadas pelas memórias das professoras, vale destacar o que nos diz também Meireles (2015) ao pensar sobre a experiência experienciada, como vivida. A autora ressalta que ela permanece privada, mas seu sentido, a sua significação, torna-se pública. A narrativa tecida/contada por cada professora é marcada por uma narrativa viva atravessada, também por um tempo vivo/vivido implicado por subjetividades, significações da vida, revelados ou não na ordem do discurso.

Essa é uma das perspectivas trazidas pelas investigações que utilizam a (auto)biografia, pois, possibilita entender o sujeito em seus percursos de vida-formação-profissão, tendo em vista valorizar uma compreensão que se desenrola no interior da pessoa, sobretudo em relação a vivências e experiências que tiveram lugar no decurso de sua história de vida, como nos dizem Pereira e Rios (2015).

Espaços culturais frequentados, lugares de interesse e atividades de ócio

Investigar trajetórias de formação significa registrar percursos, leituras e compreensões do sujeito sobre si e sobre o mundo que o rodeia, envolvendo as múltiplas experiências que possibilitam a expansão das redes de relações que vão sendo tecidas ao longo da vida. Nessa direção, as histórias de vida – métodos biográficos, enfoques autobiográficos, narrativas pessoais e relatos de vida – são segundo a Association Internacionale des Histoires de Vie en Formation, práticas de investigação, formação e intervenção, conforme Monteagudo (2015).

Pensar sobre si, sobre sua trajetória, seu percurso, suas experiências, suas relações, permite identificar o fio condutor de sua própria história de vida, uma história em formação.

Compreender as histórias de vida como histórias em formação é perceber que se conta ou se recompõe um caminho de formação, de episódios segundo os quais se formou sua individualidade. Assim, a partir da narrativa pessoal, a corrente das histórias de vida traduz e transpõe no domínio da formação um processo mais geral,

que é aquele da maneira pela qual os indivíduos se apropriam do mundo histórico, social, cultural no qual eles vivem (DELORY-MOMBERGER, 2015).

Diante disso, um dos itens inseridos nos questionários, respondidos pelas professoras de nosso estudo, faz relação aos espaços culturais que elas frequentaram em suas adolescências.

Os museus e os cinemas estão presentes nas respostas de quatro delas. Os teatros foram frequentados por cinco dessas professoras. Duas delas apresentam os circos como lugares de experiências vivenciadas. Outros espaços aparecem nas narrativas de três professoras como passeios da escola, excursões da igreja, centro cultural e clube hebraica.

A professora Sobrevivência nos relata que sua frequência aos espaços culturais se deu *“só no Rio de Janeiro onde passava as férias. Todos os museus. Graças ao filho da minha vizinha intelectual. Ele era um artista e intelectual”*.

A professora Liberdade, ao acionar suas memórias, narra em detalhes diversos contatos estabelecidos em suas vivências.

Eu frequentava, desde a infância, o clube Hebraica em São Paulo, por ser de origem judaica. Lá tem teatro, cinema e exposições. Frequentei grupos juvenis em outros espaços e ia com os amigos ao cinema, teatros e com menos frequência a museus. A escola também levava, ocasionalmente (bem pouco). Lembro de ter ido ao Teatro Municipal assistir orquestra sinfônica com a família, também, fui a concertos no Ibirapuera. Fui de uma geração muito televisiva, lembro de ter assistido bastante tv (desenhos animados, seriados, vila sésamo, a primeira versão do sítio do pica-pau-amarelo e filmes). Também frequentei grupos de dança folclórica judaica/israeli na Hebraica, na escola e nas associações juvenis, me apresentando em festivais e chegando a ter coreografado, junto com uma colega, o grupo infantil da escola, quando estávamos no 2º grau (Ensino Médio). Eu era aficionada por esse tipo de dança, que tinha gêneros variados, abrangendo épocas e lugares distintos da cultura judaica.

Observando suas narrativas é possível identificar que os contatos das professoras com os espaços culturais lhes permitiram o acesso a elementos das Artes Visuais, das Artes Cênicas (Teatro e Circo), do Cinema, da Dança, da Música. Esses encontros são fatores fundamentais para a ampliação dos repertórios culturais e artísticos que, possivelmente, contribuíram para suas escolhas e percursos

profissionais na vida adulta. Além disso, as diversas experiências possibilitam a dilatação dos sentidos, o contato direto com obras e lugares promotores de arte.

No entanto, quando questionamos sobre os lugares que mais lhes atraíam na adolescência, as respostas apresentam outros elementos. Aqui se destacam bibliotecas, teatros, centro cultural e histórico, a igreja, a rua, o clube, a piscina, a praia, a praça.

A professora Liberdade relata *“viajava para a praia no Guarujá onde tinha mais liberdade de andar a pé ou de bicicleta e a casas de amigas. Eu gostava de ir à praia, parque, praças”*. A professora Estudiosa registra que seu lugar preferido era o Teatro do Parque porque oferecia muitas coisas boas como espaço. Feliz, por sua vez, enfatiza a rua *“as brincadeiras de rua: pega pega, barra bandeira, queimado, vôlei. Pela liberdade, pela relação com outras crianças”*. A professora Perseverança afirma que para ela o teatro era o lugar que mais lhe atraía porque achava muito mágico o mundo do espetáculo.

O Centro Cultural e a Igreja eram os lugares que mais atraíam a professora Positividade, *“pois eram lugares onde eu podia fazer as coisas mais criativas, dançar, cantar, tocar instrumentos, encenar, produzir pinturas. Já na vida adulta sempre procurei fazer cursos de pintura”*.

Por fim, a professora Pró-ativa discorre

Não sei se foi a primeira, mas lembro que fiquei encantada ao entrar no Santander Cultural de Porto Alegre durante um passeio à Catedral promovido pela pastoral estudantil. Fiquei perplexa com a quantidade de quadros e com a arquitetura do lugar. Não lembro minha idade, mas sei que fiquei muito impressionada ao andar pelo Centro Histórico de Porto Alegre e ver tanta coisa diferente. Antes, sempre ia com meus pais no centro de Porto Alegre somente na parte do comércio e no mercado público. Parecia que conhecia uma história diferente e possibilidades até então inimagináveis. Eu tinha uma amiga que também gostava das aulas de artes. Então, a convidei para voltarmos ao centro para ver mais coisas. Caminhamos muitooooooooo até entrar no atelier municipal. Fiquei com muita vontade de frequentar o lugar, de fazer os cursos e de conhecer os artistas, mas, infelizmente isto não poderia acontecer porque morávamos muito longe e não teríamos passagens para voltar toda semana. Por isso, tenho empatia e recordo desta situação toda vez

que um aluno me diz que não tem passagens para ir a determinado lugar ou até mesmo vir nas minhas aulas.

Diante das lembranças revisitadas pelas professoras de nosso estudo dialogamos com Pineau (2015) ao afirmar que as histórias de vida tentam identificar as marcas deixadas no caminho para decodificar as direções que elas podem esboçar. Isso também quer dizer que viver de maneira sensível e sensata implica tomar sua vida de frente e refleti-la para construí-la da melhor maneira. Assim, as experiências vividas que foram significativas para essas professoras permaneceram vivas em suas memórias e contribuíram em suas relações profissionais, como exemplificou a professora Pró-ativa.

Pineau (2015) ressalta que a vida não é feita apenas de coisas importantes, mas é feita também de altos e baixos. Para ele, os altos feitos, nem sempre, são os que se destacam primeiro com os jovens e adultos em formação. Mas, “talvez os espaços, as passagens vazias, as experiências nas quais não se vê sentido, o sofrimento, a morte” (p.31).

Abordamos as professoras no que se refere às principais atividades de ócio preferidas por elas. Esse elemento compõe o que Monteagudo (2015, p.75) chama de “biograma”. O autor diz que o biograma consiste em uma representação cronológica dos acontecimentos mais importantes da vida de uma pessoa, no transcurso de um eixo temporal que se desenvolve entre o nascimento e o momento atual. Ele destaca, ainda, a identificação da atividade de ócio preferida como um dos elementos de representação simbólica da identidade pessoal.

Assim, elaboramos o quadro abaixo que sintetiza as principais atividades de ócio preferidas pelas oito professoras de nosso estudo.



Das oito professoras destacamos a leitura como atividade de ócio preferida por sete delas. A ida ao teatro é apontada por quatro professoras. Cinco delas citam o cinema, assistir filmes e ou documentários. Apenas duas delas citam a ida a exposições. Atividades manuais e de esporte são apresentadas apenas por uma professora.

Diante disso, é importante destacar que o percurso que informa a apreensão, interiorização, subjetivação de uma percepção vem carregado das marcas da memória porque esta consiste num progresso do passado ao presente, como afirma Montenegro (2010).

Afirmamos que as relações com o tempo, a memória e a construção das narrativas de si nos ajudam a compreender fragmentos singulares das trajetórias biográficas de mulheres que se tornaram professoras de artes visuais. As aulas de arte na adolescência, as marcas de encontros com a arte, os espaços culturais

frequentados naquela etapa da vida, os lugares de maior interesse e as atividades de ócio preferidas e relatadas, por elas, nos ajudam a compreender os processos de acesso e aproximação com a arte, experiências promotoras de dilatação dos sentidos. Além disso, esses elementos contribuem para a identificação das representações cronológicas dos acontecimentos mais relevantes da vida vivida por mulheres que se tornaram docentes (re)construindo assim seus biogramas.

Notas

¹ Todos os questionários foram respondidos entre abril e outubro de 2017.

² O trabalho foi intitulado *Memórias de Professoras das Artes Visuais* e apresentado no Comitê Educação em Artes Visuais. Disponível em <http://anpap.org.br/anais/2017/>

³ Todas as professoras são identificadas pela principal qualidade que elas se atribuem. Optamos identifica-las dessa forma para preservar suas identidades.

⁴ As falas das professoras, com menos de três linhas, estarão aspeadas em itálico no corpo do parágrafo ou apenas em itálico e recuo de 4cm quando possuir mais de três linhas.

Referências

BERNARDES, Rosvita Kolb; VELLOSO, Luciana Mendes. *Experiências biográficas: reconhecer-se incompleto*. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Og.). (Auto)Biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFBA, 2015, p.243-257.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

COUTO, Mia. *O fio das missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Narrativa de Investigação profissional: um dispositivo de pesquisa-formação sob a forma de uma escrita implicada*. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Og.). (Auto)Biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFBA, 2015, p.161-171.

DOMINGO, José Contreras. *Profundizar narrativamente la educación*. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Og.). (Auto)Biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFBA, 2015, p.37-61.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

MEIRELES, Mariana Martins de. *Entrevista narrativa e hermenêutica de si: fonte de pesquisa (auto)biográfica e perspectiva de análises*. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Og.). (Auto)Biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFBA, 2015, p.285-296.

MONTEAGUDO, José González. *As histórias de vida em educação: entre formação, pesquisa e testemunho*. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Og.). (Auto)Biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFBA, 2015, p.59-95.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História, metodologia, memória*. São Paulo: Contexto, 2010.

PEÑA, Andrés Klaus Runge. *Prefácio*. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Og.). (Auto)Biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 9-24.

PEREIRA, Ana Cristina Silva de Oliveira; RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. *O ensino como prática de investigação-formação: narrativas de professores universitários*. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Og.). (Auto)Biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 307-326.

PINEAU, Gaston. *Histórias de vida e alternância*. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Og.). (Auto)Biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFBA, 2015, p.25-40.

SILVA, Maria Betânia e. *A inserção da arte no currículo escolar (Pernambuco, 1950-1980)*. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, UFPE, Recife, 2004.

SILVA, Maria Betânia e. *Escolarizações da Arte: dos anos 60 aos 80 do século XX (Recife – Pernambuco)*. 256 f. Tese. (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação Conhecimento e Inclusão Social em Educação, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

SILVA, Maria Betânia e; SANTOS, Amanda Priscila; AZEVEDO, Milena Leite de. *Memórias não são só Memórias*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

SILVA, Maria Betânia e. *Memórias de Professoras das Artes Visuais*. 26º Encontro da ANPAP. Campinas: PUC, 2017. Disponível em <http://anpap.org.br/anais/2017/>

Maria Betânia e Silva

Professora da Graduação e do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Doutora em Educação pela UFMG. Mestre em Educação pela UFPE. Graduada em Artes Plásticas pela UFPE.

